

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

**ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE: (RE)EXISTÊNCIAS DE MULHERES QUILOMBOLAS DE
ITAMATATIUA EM ALCÂNTARA, MARANHÃO**

***BETWEEN MEMORY AND IDENTITY: (RE)EXISTENCES OF QUILOMBO WOMEN FROM
ITAMATATIUA IN ALCÂNTARA, MARANHÃO***

Amália Tereza Lima da Guia - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Leyde Klebia Rodrigues da Silva – Universidade Federal do Cariri (PPGB/UFCA), Universidade
Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Esta pesquisa busca compreender como as mulheres quilombolas de Itamatatiua constroem suas identidades e contribuem para a memória coletiva da comunidade por meio do aquilombamento. A investigação enfoca seus papéis de liderança, trajetórias de vida e atuação comunitária, além do registro de memórias sobre a formação do território quilombola. Adota-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas que possibilitam maior profundidade na coleta dos dados. Será utilizado o método narrativo para análise das narrativas, valorizando a oralidade como ferramenta para compreender os processos identitários e a construção da memória coletiva no contexto quilombola de Itamatatiua. Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para o fortalecimento das políticas de preservação cultural e valorização das lideranças femininas negras quilombolas, destacando o protagonismo dessas mulheres dentro de sua comunidade.

Palavras-chave: memória; identidade; mulheres quilombolas; Itamatatiua; aquilombamento.

Abstract: This research aims to understand how quilombola women from Itamatatiua construct their identities and contribute to the community's collective memory through the process of "aquilombamento" (the act of forming quilombo communities). The study focuses on their leadership roles, life trajectories, and community engagement, as well as the recording of memories related to the formation of the quilombola territory. A qualitative approach is adopted, using semi-structured interviews to allow for deeper data collection. The narrative method will be applied to analyze the participants' discourse, emphasizing oral traditions as a means of understanding identity construction and collective memory within the quilombola context. It is hoped that the results of this research will contribute to the strengthening of cultural preservation policies and the appreciation of Black female quilombola leaders, highlighting the protagonism of these women within their community.

Keywords: memory; identity; quilombola women; Itamatatiua; aquilombamento.

1 INTRODUÇÃO

A memória possui um papel importante de referência na construção da identidade de

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

um povo, onde ritos, símbolos e manifestações culturais se constituem no espaço que ocupam. Compreendendo que as memórias são construções sociais e têm papel primordial no que diz respeito à (re)afirmação de identidades e na luta coletiva pela identidade cultural e social de diversificados grupos sociais.

No contexto que envolve as discussões contemporâneas das ciências sociais, a identidade cultural pode ser entendida, mais especificamente, como um conjunto de traços psicológicos, como o modo de ser, sentir e agir, próprios e exclusivos de um grupo, que o individualiza e o identifica, além de ser uma prática sociocultural em que tal grupo produz discursos sobre si mesmo. Nesta direção, a questão da identidade se relaciona com a memória na medida em que as identidades se constituem como uma herança de significados, ligados à constituição de uma memória e de um discurso que legitime a ideia de pertencimento. Desse modo, a memória é importante no processo de formação identitária dos grupos, o que os leva a buscar fazer-se conhecer e reconhecer como um processo histórico no interior de um processo histórico mais amplo.

Rememorar é reinterpretar constantemente o passado em razão do presente e do futuro, e a memória, o resultado de estratégias ou lutas que buscam uma definição para determinadas narrativas, normalmente obscurecidas pela legitimidade de memórias oficiais, que envolve pessoas, grupos e instituições acerca de determinadas categorias. As mulheres negras e quilombolas têm suas histórias de vida marcadas pela luta e resistência a um sistema que as oprime e delinea sua posição social, todavia, é dentro deste processo de luta e resistência que estas desenvolvem a relação com sua comunidade. A vida da mulher quilombola é atravessada por marcadores sociais que influenciam na constituição de sua identidade. As categorias de gênero, raça, etnia e classe social são fundamentais para compreender a maneira como elas se inserem na sociedade e quais implicações tais categorias têm na sua vida, identidade e representatividade. Essas mulheres são pilares de resistência e continuidade das tradições quilombolas, inspirando outras mulheres a assumirem papéis de liderança em suas comunidades. Este empoderamento não é apenas simbólico, mas traduz-se em ações concretas que influenciam positivamente o cotidiano e o futuro de suas comunidades. Todas as atividades desenvolvidas no cotidiano da comunidade carregam consigo seus traços culturais, traços que lhes dão uma identidade e que são vividos em conjunto dentro e fora da comunidade, um saber que é repassado de geração para geração com o intuito de manter sempre viva a história, a memória e a identidade dessa comunidade.

Neste contexto, este estudo é fruto de uma pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Biblioteconomia e tem como questão norteadora: como as mulheres quilombolas de Itamatatua em Alcântara, Maranhão, constroem suas identidades e contribuem para a reconstrução da memória coletiva da comunidade, tomando o quilombolar-se como prática histórica e política?

O trabalho parte da perspectiva de que memória e identidade são construções sociais, atravessadas por tradições culturais, gênero, raça e classe. Tem como objetivo geral compreender como as mulheres quilombolas de Itamatatua constroem suas identidades e contribuem para a (re)construção da memória coletiva da comunidade e como objetivos específicos: a) identificar as mulheres quilombolas de Itamatatua que atuam em espaços de liderança; b) descrever as trajetórias de vida e atuação comunitária das mulheres quilombolas da comunidade; c) apresentar através da narrativa oral das mulheres quilombolas, suas percepções, memórias e histórias sobre a formação do território quilombola de Itamatatua e; d) produzir um catálogo fotográfico com as peças produzidas pelas mulheres ceramistas do Centro de Produção de Cerâmica de Itamatatua com vistas à disseminação e preservação da identidade quilombola.

Para este trabalho apresentamos a pesquisa em andamento, focando nos procedimentos metodológicos e no referencial teórico, que tem como base as discussões sobre: a origem do quilombo no Brasil, o protagonismo das mulheres negras na construção da sociedade brasileira e a tríade “informação, memória e identidade”, como categorias teóricas do campo informacional para compreender as narrativas orais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, utilizando a metodologia da história oral. De acordo com Maria Cecília Minayo (2009), a pesquisa qualitativa explora o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ou não devem ser quantificados. Parte de uma concepção da história oral, pois permite que os indivíduos compartilhem suas trajetórias de vida de maneira única. Narrar sobre modos de viver e produzir conecta passado, presente e futuro, promovendo a transferência de experiências e educação contínua entre culturas e gerações (Thomson, 2002).

A coleta de dados será realizada através de entrevistas semiestruturadas e da observação participante do cotidiano da comunidade. A análise dos dados será feita por meio

do método narrativo, considerando a construção dos sentidos nas falas e gestos das entrevistadas. O campo empírico da pesquisa é a comunidade quilombola de Itamatatiua, localizada no norte do Maranhão, no sudoeste do município de Alcântara. A comunidade é reconhecida e certificada como remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares (FCP), através da Portaria Interna nº 06 de 01 de março de 2004.

Assim, nesta pesquisa serão ouvidas mulheres negras quilombolas, que exercem papel de liderança na comunidade, que estão à frente da organização das manifestações culturais e as artesãs do Centro de Produção de Cerâmica da comunidade quilombola de Itamatatiua na cidade de Alcântara no Estado do Maranhão.

3 DO QUILOMBO ÀS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL

O termo “quilombo” deriva da língua Bantu, significando “acampamento guerreiro” (Freitas *et al.*, 2011) e está relacionado às práticas de autodefesa e organização comunitária. Segundo Kabengele Munanga e Nilma Gomes (2004) a palavra quilombo é originária da língua banto umbundo, falada pelo povo ovimbundo, que se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central, mais especificamente, na área formada pela atual República Democrática do Congo (Antigo Zaire) e Angola.

O quilombo surge como forma de resistência ao sistema escravista implantado no Brasil com a colonização da América e a constituição do sistema do período moderno-colonial. O quilombo é considerado um dos principais símbolos de luta pela liberdade, contra o cativo e a repressão sofrida durante o regime escravista brasileiro (Moura, 1992).

Beatriz Nascimento (2018) interpreta o quilombo como uma organização social e cultural, mais do que simples reações de fuga, valorizando sua dimensão de resistência racial e cultural. O Quilombo dos Palmares, o maior e mais emblemático da história brasileira, liderado por Zumbi, consolidou a imagem dos quilombos como símbolos da luta pela liberdade.

O direito dos quilombolas à terra foi reconhecido tardiamente, com o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição de 1988 (Brasil, 1988). Posteriormente, o Decreto nº 4.887/2003 regulamentou a identificação, delimitação e titulação de territórios quilombolas, reforçando o princípio da autoatribuição das comunidades (Brasil, 2003).

O Maranhão, historicamente dependente do trabalho escravizado para a produção

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

agrícola (arroz, algodão e cana-de-açúcar), tornou-se um dos estados brasileiro com maior número de comunidades quilombolas. Movimentos históricos como a Balaiada (1838–1841), liderada por Negro Cosme, mostram a importância política e social da resistência negra no Maranhão (Assunção, 2001).

A cidade de Alcântara prosperou no século XVIII graças à produção agrícola baseada no trabalho escravizado. Após a queda dos preços internacionais do algodão e a abolição da escravatura, houve estagnação econômica, abandono de propriedades e formação espontânea de comunidades negras (Almeida, 2006).

Na década de 1980, conflitos surgiram com a instalação do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), que culminou na remoção de várias famílias de seus territórios, gerando tensões persistentes. Um acordo firmado em 2024 reconheceu integralmente o território quilombola de Alcântara, encerrando um conflito histórico (Brasil, 2024).

O quilombo Itamatatiua é exemplo vivo de resistência e preservação cultural. Fundado em terras de antiga fazenda pertencente à ordem religiosa dos carmelitas, a comunidade mantém práticas de agricultura de subsistência, pesca e extrativismo (Oosterbeek; Reis, 2012). As manifestações culturais, como a festa de Santa Teresa D'Ávila, o forró de caixa e o tambor de crioula são práticas que reforçam a identidade coletiva, a resistência cultural e a memória dos antepassados. Itamatatiua também é reconhecida pela produção da cerâmica artesanal produzida por mulheres, um saber-fazer ancestral que garante identidade, renda e autonomia.

O percurso dos quilombos históricos às comunidades quilombolas contemporâneas é marcado por resistência, transformação e busca de reconhecimento. As comunidades não lutam somente pela posse da terra, mas também pela preservação de práticas culturais, modos de vida e identidades históricas, consolidando sua importância para a memória.

4 O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

A trajetória da mulher negra no Brasil é marcada pela resistência frente às estruturas de opressão colonial, patriarcal e racista. Desde a escravidão, seu corpo foi explorado e sua força de trabalho instrumentalizada. A permanência dessas dinâmicas nas estruturas sociais contemporâneas revela a urgência de abordagens que considerem as múltiplas opressões que atravessam suas vidas.

Segundo Lélia Gonzalez (2020), a mulher negra é relegada a lugares de marginalidade,

com acesso restrito à educação e às oportunidades de trabalho digno. Essa exclusão se perpetua através da internalização de estereótipos de inferioridade racial e de gênero.

Beatriz Nascimento (2021) reforça que a mulher negra foi historicamente produtora e reprodutora de força de trabalho, sendo seu papel crucial para a manutenção econômica durante a escravidão.

As críticas de Lélia Gonzalez (1989) às limitações do feminismo branco e ao machismo dentro do movimento negro são basilares para compreensão das necessidades específicas das mulheres negras. Sueli Carneiro (2003) propõe o conceito de "enegrecer o feminismo", ampliando a visibilidade das pautas negras. Kimberlé Crenshaw (2002) introduz o conceito de interseccionalidade para captar como o racismo, o sexismo e a opressão econômica se interligam, criando experiências singulares de subordinação para as mulheres negras.

Historicamente, figuras como Aqualtune, Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela, Luiza Mahin e Maria Conga exemplificam o protagonismo das mulheres negras na luta contra o sistema escravocrata. Mariléa de Almeida (2022), observa a "feminização dos quilombos", transformando os territórios em espaços de cuidado, cultura e luta política.

As mulheres quilombolas de Itamatatuiá representam bem esse processo ao liderarem a produção de cerâmica e a luta por autonomia através de organizações como a Associação de Mulheres, consolidando a economia solidária e a identidade coletiva.

A luta das mulheres quilombolas evidencia a dimensão territorial da resistência negra. Mais que sobrevivência, estas mulheres constroem espaços de autonomia econômica, cultural e política. A "feminização dos quilombos" destaca a capacidade de ressignificar o território como espaço de cuidado, memória e luta coletiva, desafiando a lógica patriarcal e racista hegemônica.

5 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA COMPREENDER AS NARRATIVAS ORAIS

A informação é um conceito multifacetado, sendo compreendida de diferentes formas nas diversas disciplinas. Segundo Rafael Capurro e Biger Hjørland (2007), a informação é interpretada dentro de contextos específicos, dificultando uma definição única, acentuando a polissemia do termo.

A memória, por sua vez, é apresentada como capacidade de conservar informações e construir a identidade social dos indivíduos (Le Goff, 2013). A interação entre informação e

memória é ressaltada por Vera Dodebei (2010), que afirma que ambas passaram a ser vistas como elementos centrais na sociedade contemporânea.

Michel Pollak (1989) enfatiza que as memórias, mesmo aquelas não vividas diretamente ("vividas por tabela"), reforçam sentimentos de pertencimento. Pierre Nora (1993) introduz o conceito de "lugares de memória" — espaços tangíveis ou simbólicos onde a memória se ancora. Stuart Hall (2006) nos diz que identidade e memória são construções contínuas e multifacetadas, alteradas conforme o contexto histórico-social.

Assim, podemos dizer que a memória exerce uma importante função na vida dos indivíduos e dos grupos sociais, pois está exatamente relacionada com a vivência, à identidade em torno das coisas e principalmente dos lugares. O lugar que habitamos, diz muito, a respeito de nossa vida, o modo como nos relacionamos com os outros envolvem aspectos sociais, econômicos e culturais.

Neste contexto, a oralidade é o principal instrumento de transmissão de saberes nas comunidades quilombolas, permitindo a preservação cultural e histórica. As narrativas orais fazem parte dos modos de ser, viver e reviver as experiências cotidianas e passadas. É a forma como a memória é compartilhada, como a história do lugar e das pessoas. Conforme Priscila Bastos (2009), ao transmitirem esta memória de geração em geração pela oralidade, os mais velhos se constituem como os guardiões da tradição, entendida como uma construção do passado de forma a orientar o presente e o futuro. Assim, a memória oral quilombola serve não apenas como preservação do passado, mas também como resistência e afirmação da identidade cultural.

Assim, a relação entre informação, memória e identidade nas narrativas quilombolas evidencia a importância da oralidade como forma de resistência cultural e de fortalecimento da identidade social. Preservar e registrar essas narrativas é essencial para a continuidade dos saberes tradicionais e para a luta por reconhecimento e direitos das comunidades negras brasileiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, até este momento, é possível inferir que o 'aquilombar-se' é um movimento de resistência ativa que fortalece a identidade coletiva e perpetua as tradições culturais em Itamatatiua. As mulheres desempenham papéis fundamentais na organização social, religiosa e econômica, sendo protagonistas na manutenção da memória viva da

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

comunidade.

Na próxima etapa, pretendemos aprofundar este estudo através da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com as lideranças femininas da comunidade, com foco na identificação de aspectos específicos sobre como o aquilombamento contribui para a construção de identidades individuais e coletivas. Além disso, a produção de um catálogo fotográfico com as peças cerâmicas pretende não apenas registrar, mas também promover a disseminação da cultura quilombola de Itamatatiua, valorizando o saber fazer das mulheres ceramistas. A continuidade da pesquisa também prevê a exploração de aspectos simbólicos das manifestações culturais, festas religiosas, assim espera-se que os resultados contribuam para ampliar a compreensão sobre a construção da identidade quilombola das mulheres.

Futuras pesquisas poderiam ampliar a amostra e diversificar os aspectos apresentados para captar uma gama mais rica e plural de experiências, incluindo diferentes grupos sociais, a fim de fornecer uma visão mais abrangente e representativa da realidade local.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilomba**: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. São Paulo: Elefante, 2022.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhring. Prefácio. *In*: ARAÚJO, Maria Raimunda. (org.). **Documentos para a história da Balaiada**. São Luís: FUNCMA, 2001.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Entre o quilombo e a cidade**: trajetórias de individuação de jovens mulheres negras. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 nov. 2024.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Reparação histórica**: governo Federal destina mais de 120 mil hectares a 4,5 mil famílias quilombolas. 2024. Disponível em:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/09/governo-federal-destina-mais-de-120-mil-hectares-a-4-5-mil-familias-quilombolas>. Acesso em: 26 nov. 2024.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148 - 207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 5 dez. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan./jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 dez. 2024.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Matos. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO/ANCIB, 2010. Disponível em: <http://congresso.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/357/94>. Acesso em: 02 fev. 2025.

FREITAS, Daniel Antunes *et al.* Saúde e comunidades quilombolas: uma revisão da literatura. **Revista CEFAC**, Minas Gerais, v. 13, n. 5, p. 937-943, set-out, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/fYdFrbrz5YHsggyqTxj9QhR/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia Almeida. **Entrevista concebida a Mali Garcia para o documentário As divas negras do cinema brasileiro**. Direção: Victoria Santos e Adauto S. Santos. [S. l.]: Enugbarijô Comunicações, 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aiTfzVKhsGw>. Acesso em: 27 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia Almeida. Mulher negra, essa quilombola? *In*: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 167-170.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

MINAYO, Maria Cecilia Souza. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição.** São Paulo: Ed. Filhos da África, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OOSTERBEEK, Luiz; REIS, Milena das Graças Oliveira. Terras de preto em terras da Santa: Itamatatiua e as suas dinâmicas quilombolas. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 19, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 2012.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 08 out. 2025.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.